

ACM desqualifica Mendonça de Barros

EUGÊNIA LOPES E
MÔNICA TAVARES

BRASÍLIA — O presidente do Congresso, senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), disse ontem que o ministro das Comunicações, Luiz Carlos Mendonça de Barros, não tem habilidade para ocupar o cargo de ministro neste momento de crise. As críticas do senador foram feitas em represália às declarações de Mendonça de Barros, que, em entrevista publicada domingo pelo *Jornal de Brasília*, defendeu mudanças na política econômica que, se aplicadas, aproximariam o governo Fernando Henrique das propostas do PT.

Mendonça de Barros declarou que, com a crise, o modelo econômico baseado em grandes fluxos de capital precisa ser mudado em um possível segundo mandato de Fernando Henrique Cardoso, e defendeu estímulo maior às exportações, contenção de importações predatórias e direcionamento dos investimentos para setores que gerem empregos com menor dependência do capital estrangeiro.

“A mim não cabe examinar a atuação do ministro Mendonça de Barros, que eu, aliás, achava louvável. Entretanto, julgo contraditórias com todo o processo de privatização da telefonia que ele fez essas suas declarações”, afirmou Antônio Carlos, ao lembrar que a maior parte das empresas de telecomunicações foi comprada por grupos estrangeiros. “O Mendonça de Barros é um homem para missões especiais. Mas ainda não tem a habilidade necessária que o cargo de ministro exige na política.”

O presidente do Congresso afirmou também que as declarações de Mendonça de Barros não servem “ao país nem ao governo Fernando Henrique”. Para ele, o governo não pode apresentar divergências públicas neste momento de crise. “É salutar o presidente querer ouvir opiniões diferentes. O que não é salutar é que as diver-

gências sejam públicas”, disse o senador.

Mesmo com o agravamento da crise, Antônio Carlos Magalhães avalia que o presidente Fernando Henrique não deve falar dela em seu programa eleitoral. “Quando for necessário falar sobre a crise, o presidente não deve falar em programa político. Ele tem que falar à nação”, disse. Segundo o senador, o Brasil tem reservas para suportar essa crise por mais de um ano. “Ouvi do próprio presidente que podemos suportar a crise por 14 meses”, disse o presidente do Congresso.

Antônio Carlos Magalhães afirmou que acha pouco provável que as privatizações previstas pelo BNDES sejam adiadas por causa da crise. Ele lembrou, no entanto, que os países atingidos podem resolver não comprar mais as empresas que estão sendo privatizadas.

O ministro das Comunicações, Luiz Carlos Mendonça de Barros, evitou falar sobre as críticas feitas pelo presidente do Congresso. “Não vou tocar nesse assunto”, enfatizou. Ele considerou uma coincidência o seu antecessor, ministro Sérgio Motta, ter tido atritos com senador. “São as chamadas coincidências históricas”, disse ontem.

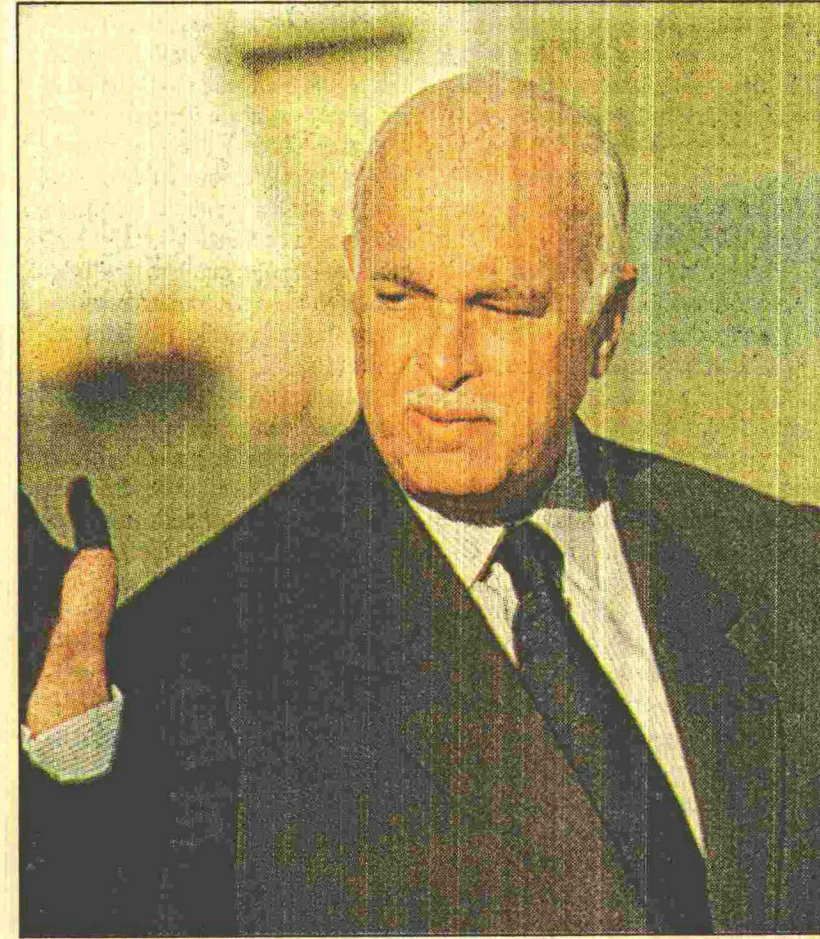
Para o ministro, “estamos em uma democracia e cada um fala o que quer”. Porém, ele destacou: “Eu adoro” Antônio Carlos Magalhães. “Tenho muito respeito por ele.” Barros disse ainda: “Estou” ministro das Comunicações e “sigo as ordens do presidente da República; se ele me mandar para casa, vou para casa”.

Ao ser perguntado sobre que nova área poderia assumir no governo, caso o presidente Fernando Henrique seja reeleito, disse: “Atualmente, quero tratar de coisas concretas. A seca é um desafio que eu gostaria de tocar”. Mas, há duas semanas, comentado essa possibilidade, Mendonça de Barros brincou: “Eu gostaria mesmo é de voltar para o BNDES, onde o salário é o dobro.”

Josemar Gonçalves — 24/6/98



Josemar Gonçalves — 16/2/98



Mendonça de Barros (E) não quis comentar críticas de Antônio Carlos Magalhães, que achou declarações do ministro contraditórias e inoportunas